
**A LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA:
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO
DE UM SUBSISTEMA LITERÁRIO**

*La literatura contemporánea juvenil: breves consideraciones
sobre la formación de un subsistema literario*

Eliene da Silva Dias¹

Diógenes Buenos Aires de Carvalho²

RESUMO: A literatura juvenil vem se destacando e aumentando o interesse dos investigadores e de editores substancialmente no Brasil, por revelar traços peculiares à sua criação, marcada por uma riqueza de significações. As narrativas juvenis contemporâneas, por sua vez, apresentam em sua estrutura “de modo intenso e eficaz, a diversidade do mundo contemporâneo, aliando imaginação criadora e crítica social, projeto educativo e recreação linguística, escrita criativa e visualidade” (NAVAS; SILVA, 2016, p.9), envolvendo assim os jovens leitores. Nesse sentido, o presente trabalho busca contribuir com as discussões acadêmicas que se voltam para esse campo no que se refere ao conceito de “literatura juvenil” enquanto subsistema, embasado em estudos e contribuições de pesquisadores e teóricos como: Colomer (2003), Navas e Silva (2016), entre outros, que se debruçam pelo referido sistema literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil; Narrativa juvenil; Jovens leitores.

RESUMEN: La literatura juvenil viene destacándose y ha aumentado el interés de los investigadores y de los editores sustancialmente en Brasil, revelando rasgos peculiares a su creación, marcadas por una riqueza de significaciones. Las narrativas juveniles contemporáneas, por su parte, presentan en su estructura “[...] de modo intenso y eficaz, la diversidad del mundo contemporáneo, juntando imaginación creadora y crítica social, proyecto educativo y recreación lingüística, escrita creativa y visualidad” (NAVAS; SILVA, 2016, p. 9), involucrando, así, a los jóvenes lectores. Así, la presente investigación busca contribuir a las discusiones académicas que se vuelven a ese campo de investigación en lo referente al concepto de “literatura juvenil” como subsistema, fundamentada en estudios y contribuciones de investigadores y teóricos como Colomer (2003) y Navas y Silva (2016), entre otros que se dedican al referido sistema literario.

PALABRAS-CLAVE: Literatura juvenil; Narrativa juvenil; Jóvenes lectores; lectores.

¹ Mestranda em Letras (UESPI). Docente da Secretaria Estadual de Educação do Piauí (SEDUC) e da Secretaria Municipal de Educação de Timon (SEMED). E-mail: elienesd@yahoo.com.br

² Doutor em Letras (PUCRS), com Pós-doutorado pela UPF. Docente na graduação e pós-graduação em Letras da UESPI e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI. E-mail: dbuenosaires@uol.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mudanças ocasionadas no contexto da contemporaneidade e a visibilidade dada à fase da adolescência, marcada pela transição entre a infância e a idade adulta, bem como as preocupações com a formação identitária do jovem, contribuíram para o surgimento de uma produção literária especificamente voltada para esse público, havendo uma separação entre o que se designava por literatura infantojuvenil e o que fosse próprio da literatura juvenil. Nesse percurso, a literatura juvenil assume a condição de subsistema dentro do sistema literário no qual abarca características estéticas próprias e com autores especializados no público juvenil.

O interesse por esse subsistema tem aumentado, tendo em vista as transformações nos modos de ver e tratar tanto a infância quanto a adolescência, e ao número exacerbado de produções de literatura juvenil, aliadas às premiações das obras juvenis. Muito embora ainda se perceba certo desprestígio por parte das instituições acadêmicas, encontram-se trabalhos críticos, teóricos e historiográficos desenvolvidos em programas de pós-graduação das academias que exploram a literatura juvenil como objeto de pesquisa.

Esse desprestígio da Literatura Juvenil promovido por parte da instituição acadêmica pode ser motivado pelo que Bourdieu (2009) define como campo literário ou espaço simbólico, no qual se determina e valida representações, estabelecendo “uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação [...]) entre posições” (BOURDIEU, 1996, p. 99), que, por conseguinte, segrega o erudito do não erudito, o que é legítimo ou não, alta e baixa cultura, dificultando consequentemente a legitimação da literatura juvenil enquanto subsistema literário.

Sob essa assertiva, pode-se compreender por literatura juvenil uma esfera da literatura que se destina à produção de obras que possui um leitor específico designado por juvenil, segundo sua própria nomenclatura, que, por sua vez, é o indivíduo que se situa na transição entre a criança e o adulto, considerado por vezes em processo de maturidade. Sendo assim, observa-se que as produções literárias para o público juvenil se encontram entre as mediações da literatura *infantil* e da literatura *adulta*, e muitas vezes imbricada nas produções de literatura infantil.

Com a formação dos primeiros grupos de pesquisa vinculados à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), na década de 1980, entre os quais o Grupo de Trabalho de Leitura e Literatura Infantil Juvenil, tem-se a viabilização desde então de estudos sistemáticos no que tange à produção, circulação e consumo sobre a

literatura voltada para crianças e jovens, agregando pesquisadores de diferentes IES e dando visibilidade às pesquisas voltadas para essa área no Brasil. A partir dos debates e escritos publicados dentro e fora do país realizados pelo grupo, despontam “concepções sobre qualidade literária, revisões teóricas sobre o amplo sistema literário e artístico em que o livro se insere, preferências e modos de leitura, alternativas de ensino e promoção do livro para além dos muros escolares” (MARTHA; AGUIAR, 2016, p. 8).

Diante do exposto, é possível perceber a contribuição de tais estudos, visto que reflete de modo geral na qualidade dos modos de operar seja com o livro, com o leitor em si ou com o próprio ato da leitura, tarefa primordial para crescimento intelectual do sujeito e valorização da obra literária enquanto objeto estético.

LITERATURA JUVENIL: UM BREVE PANORAMA

A Literatura Juvenil surgiu no Brasil a partir dos anos 1970, com o intuito de direcionar a exploração de uma linguagem específica para dialogar com o jovem em formação, bem como uma exigência do mercado editorial para alcançar esse novo público. O objetivo era de produzir um efeito artístico no público leitor juvenil, fazendo-se necessário a literatura juvenil adentrar no âmbito escolar para que esse público pudesse desde cedo conhecer o percurso dessa literatura e entender as características específicas de um contexto social. Nesse período, essa produção responde substancialmente por uma parcela do mercado editorial brasileiro, e a escola foi o principal lugar para se captar as expectativas para a criação de uma literatura adequada para crianças e jovens e consequentemente de interesse na divulgação e manutenção da ideologia vigente, mostrando que “sempre fora uma produção bastante mediada e, por isso bem medida” (SOUZA, 2001, p. 32).

Para Martha (2014), “a revisão da história da literatura brasileira para crianças e jovens revela a inexistência de preocupação com a especificidade do leitor ‘juvenil’” (p.12), considerando que as narrativas hoje consideradas apropriadas ao público jovem eram destinadas às crianças. A dinâmica dessa produção se deu na década de 1970 com obras destinadas aos adolescentes com temas atraentes e uma linguagem muito próxima à do uso cotidiano, denotando familiaridade ao jovem em contato com esse tipo de criação literária, aproximando assim obra e leitor, com uso de um vocabulário que dialoga por vezes com as vivências dos jovens de modo geral com vocábulos do contexto juvenil, bem como com suas vivências.

No contexto da década de 1980, inicia-se um *boom* da literatura

juvenil brasileira no mercado editorial voltado para o público das últimas séries do ensino fundamental, aumentando consideravelmente as produções literárias para jovens e as divulgações de livros dentro das escolas com a justificativa de incentivo à formação do hábito de leitura. A instância de legitimidade dessa narrativa é conferida tanto por fatores internos à obra como, estrutura formal e conteúdo, quanto externos, havendo uma relação que envolve determinados elementos para a circulação dessa obra entre o público leitor. Neste caso, é preciso que além de ser produzida, seja divulgada pelo mercado editorial e que exista um público disposto a recepcionar, não estando, portanto, alheia às imposições do meio, fazendo com que interfira no valor que lhe é dado, tendo que disputar seu espaço no mercado com outros livros (FERREIRA, 2009).

De acordo com Colomer (2003), um dos eixos de renovação das narrativas infantis e juvenis atuais é a abordagem de temas pouco habituais nas narrativas de antes, e que agora aparecem em número bastante significativo, totalizando um percentual de 67,7% no contexto espanhol. O outro ponto de transgressão é a experimentação de regras de construção literária com influência das tendências culturais da atualidade. Nesse tipo de inovação, “pode-se encontrar, em primeiro lugar, jogos referenciais, com a apelação explícita a autores, obras e elementos concretos da tradição literária e artística” (COLOMER, 2003, p. 262).

Os livros destinados a esse público apresentam uma abertura maior no referente a temas e ideologias dentro das narrativas, o que fez aumentar o interesse por parte dos leitores, que se aproximam cada vez mais da compreensão do mundo exterior ao livro, fazendo correlação com este e colaborando para o aumento de sua consciência crítica, aspecto relevante, característico dessa literatura assim como qualquer outra, o que evidencia sua qualidade estética, consequentemente sua autonomia e valor literário. Segundo Cruvinel (2015), esse subsistema literário retrata princípios educativos sobre o caminho de um iniciante que experimenta um modelo de aprendizagem para a existência humana. As obras, que são postas aos jovens leitores, trazem a vivência e confrontos que são frequentes nessa fase da vida. Com efeito, Colomer (2003) assevera que a literatura amplia a natureza de aprendizagem, recebendo uma formulação decisiva com a criação de competência literária.

O sentido dado à literatura *juvenil* por Pereira (2014) merece destaque, para o estudioso trata-se geralmente de textos que, no ato da leitura, emocionam por apresentarem um sentimento de plenitude no que diz respeito à definição do que seja “literatura, à sua função e ao seu poder” (p.127). Esses textos mostram vivências múltiplas, abrindo novas perspectivas e horizontes diante da vida. Nessa fusão entre os horizontes do leitor juvenil e

os que lhes são apresentados *pela palavra sensível* da criação literária através da leitura, a experiência estética provoca sentimento de liberdade muito apreciado pelos adolescentes.

O pesquisador Gregorin Filho (2014), ao se referir à produção literária para jovens, afirma que esses textos são reflexões que surgiram em consequência das transformações dentro da sociedade que impulsionaram novos padrões estéticos, bem como modificando o olhar para o outro:

Em se tratando especificamente da literatura produzida para os jovens, é importante que esses leitores entendam o surgimento desses textos como reflexões ocasionadas por transformações ocorridas na própria dinâmica da vida em sociedade, grande promotora de mudanças nas formas de ver o outro e de dialogar esteticamente na e com a sociedade (p. 26).

De acordo com o exposto, pode-se evidenciar a natureza autêntica e atuante da literatura juvenil, já que essa produção procura dialogar com o leitor conforme os aspectos da vida social e das querelas que a permeiam, estando, assim, muito próxima da realidade, haja vista que apresenta e discute assuntos pertinentes a essa demanda sem se distanciar do artístico. Gregorin Filho (2014) ressalta também que, considerando o grande número de lançamentos editoriais dessa produção, é necessária uma avaliação criteriosa para que a qualidade do texto se faça presente no envolvimento do leitor com a literatura. Considerando a relação existente entre literatura, história e cultura, a literatura como um todo, assim como a juvenil precisa manter um diálogo no qual a multiplicidade discursiva esteja sempre presente para a compreensão de questões sociais e culturais, de forma a enriquecer a percepção de mundo do receptor através do texto literário.

Raquel Cristina de Souza e Souza (2015), por sua vez, afirma que a ficção juvenil apresenta características próprias já reconhecidas pela crítica, muito embora ainda mediem discussões sobre o reconhecimento quanto à sua importância, qualidade literária e valor do subsistema literário juvenil dentro do sistema literário geral. A pesquisadora destaca, ainda, que o escritor desse público não deve “ignorar que seu leitor é alguém em formação, em vários níveis e que por isso partilha apenas parcialmente das suas referências culturais, convenções literárias e usos linguísticos” (SOUZA, 2015, p. 19), influenciando dessa forma na recepção das obras.

Na atualidade, os estudos acadêmicos voltados para a literatura juvenil, seja no âmbito mundial ou brasileiro, são bastante incipientes, principalmente no cenário brasileiro como aponta Santos (2011). Essa produção literária se definiu a partir de um destinatário específico, o jovem.

Surgindo sob o prisma “de um fator extraliterário, que é a adequação ao leitor [...]” (AGUIAR, 2014, p. 07), precisando atender às necessidades do público para se realizar como arte. Tal produção vive às sombras do ambiente escolar e do interesse editorial de mercado, ignorando normas literárias, o que dificultou a princípio sua legitimação junto ao sistema literário. Muito embora o surgimento da literatura juvenil tenha se delineado por fatores extraliterários, com as mudanças ocasionadas no cenário da contemporaneidade, onde o jovem passa a ocupar o centro das preocupações no que tange a sua formação, isso coadjuvou de forma relevante para o reconhecimento desse subsistema literário, que já conta com a constatação de sua qualidade estética.

O crescimento do interesse por essa literatura “por parte de editores e investigadores, a publicação de mais livros, a tradução de várias obras de circulação internacional” (NAVAS; RAMOS, 2016, p. 9), entre outros fatores, motivou o desenvolvimento de pesquisas, como também de livros em países como Brasil e Portugal, acerca desse subsistema. Entretanto, salienta-se que, no que concerne às pesquisas dedicadas à qualidade estética, temas abordados, crítica literária, leitura, entre outros estudos, ainda são bastante resumidos nessa área como fora mencionado, de acordo com Santos (2011), corroborando a tese do pesquisador Ceccantini (2000). Vale acrescentar que mesmo já passado alguns anos do observado pelos pesquisadores, Ceccantini (2000) e Santos (2011), no que se refere aos estudos teóricos e críticos voltados para o campo da literatura Juvenil, bem como sobre os autores e obras desse subsistema, afirma que se tem ainda muitos caminhos a percorrer.

No final do século XX, despontam livros com produção de qualidade voltada para os leitores jovens, nos quais nomes de autores são citados como criadores de textos que “circulam pelos espaços do campo literário, com obras premiadas. E constam inclusive de catálogos de editoriais, lista e prêmios, indicações de programas de leituras, trabalhos acadêmicos e da crítica especializada” (MARTHA, 2014, p. 12). As produções advindas desse subsistema apresentam características que se aproximam dos leitores juvenis, além de marcas do contexto sociocultural em que vivem autores e leitores. Trazendo técnicas mais complexas de narrar, tratando inclusive de temáticas antes proibidas, culminando numa literatura diferenciada com requintes de recursos estéticos nunca antes vistos nesse campo literário no panorama brasileiro.

Com o aumento da população brasileira no início do novo milênio (2010), cerca de 29 milhões de crianças (até 9 anos de idade) e aproximadamente 45 milhões de jovens entre 10 e 19 anos, na sua grande maioria frequentando escolas e aptos para a leitura, o que corresponde em

leitores em potencial de livros, direcionou a editoração de uma literatura para suprir essa demanda, emergindo, por conseguinte, um novo modo de escrever disposto a atrair esse público, denominada literatura juvenil. Uma literatura com características próprias, das quais se destaca o protagonismo do jovem e a proximidade com os aspectos do mundo no qual esse jovem se encontra inserido.

Para o pesquisador Gregorin Filho (2014, p. 27):

A literatura voltada para o público juvenil, promovendo o conhecimento do indivíduo envolvido nessa frágil condição humana, instaura diálogos com outras artes e formas de produção do conhecimento, pois a literatura é constantemente construída pelas relações dialógicas que mantém com variados discursos e saberes, no amálgama cultural das sociedades contemporâneas.

O jovem vive momentos de descobertas na vida que são mediadas por diversos aparatos, dos quais a leitura se inclui por ser algo que lhe proporciona vivências particulares somadas às suas relações pessoais dentro do universo no qual está inserido. Depreende-se que, a partir desse contato literário, ele pode agregar experiências no diálogo com outras manifestações artísticas, as quais podem proporcionar o conhecimento de si, do mundo e do outro.

A literatura juvenil é relevante para a formação do leitor jovem, pois concede a esse público a facilidade em ampliar a competência leitora e a forma de comunicar-se em todos os âmbitos sociais, revelando seu papel social. Para Ramos e Navas (2016, p.16), a literatura juvenil é importante para a formação do leitor que ainda tem de desenvolver suas competências em termos do uso da língua e da capacidade interpretativa a partir da apropriação de uma linguagem rica e simbólica. Essa literatura apresenta características que favorecem ao público jovem despertar para a realidade e refletir sobre ela.

Essa produção, apesar do pouco prestígio nas academias, vem se destacando e garantindo seu lugar no sistema literário brasileiro. Através de sua linguagem “simples”, contudo apropriada e voltada para o diálogo com o leitor, possibilita discussões de temas antes não abordados, que tratam de questões existenciais do cotidiano da sociedade, além de dar voz aos silenciados por muito tempo (negros, mulheres, crianças, jovens, homossexuais, etc.), permitindo a entrada de textos não canônicos no seletivo literário.

A Literatura Juvenil tem cada vez mais firmado suas raízes na sociedade contemporânea, uma vez que se observa o aumento das produções destinadas aos jovens e o sucesso com esse público, embora careçam “de qualidade eminentemente literária”, consoante Navas e Ventura (2016). As autoras afirmam que obras, como as de *Harry Potter* (1997) e *O Senhor dos Anéis*, entre outras, tornaram-se uma realidade efervescente entre os jovens e impulsionaram suas leituras, devido a sua dinamicidade e solicitar de interação, além da ampliação que promovem do imaginário e da criatividade. É justamente a partir do horizonte de expectativas (de seus gostos literários e culturais) desses receptores, ou seja, das leituras que agradam ao jovem, que provavelmente essas obras podem levá-los a conhecer clássicos literários, ampliando assim seu repertório, conforme Ferreira (2009).

De acordo com as pesquisadoras, as narrativas atuais se constituem de elementos formais como a intertextualidade e a metaficção, recursos da narrativa juvenil da contemporaneidade que dinamizam o processo de leitura, aproximando o jovem leitor da obra em si: “Em relação à figuração da intertextualidade nas obras juvenis da atualidade, observa-se que, nos últimos anos, diversos autores brasileiros têm recorrido a essa estratégia no intuito de compor suas narrativas”. (NAVAS; VENTURA, 2016, p. 101). Compreende-se por intertextualidade, um texto que traz dentro de sua estrutura, traços de outro texto que fora fonte para a recriação do texto produto. Nas palavras de Kristeva, significa “absorção e transformação de outro texto” (1974, p. 64), sendo esse recurso estético muito empregado nos textos literários juvenis da atualidade. Essa estratégia possibilita ao leitor entrar em contato com outras literaturas que se encontram inseridas dentro da narrativa, favorecendo, mais uma vez, a ampliação do horizonte de expectativas do leitor, dado que o receptor se depara com um texto impregnado de outro(s) texto(s) que fora recriado.

Quanto à metaficção, evidencia-se “o processo criativo do escritor e o processo re-criativo do leitor, e pode apresentar-se nas obras literárias de diversas maneiras” (NAVAS; VENTURA, 2016, p. 101). Nesse sentido, verifica-se na produção juvenil tanto a intertextualidade quanto a metaficcionalidade. Thiago Valente (2014) postula que a Literatura juvenil possui a capacidade de ofertar ao leitor uma produção que dialoga com a tradição literária, o que permite comprovar em vista disso, sua natureza opulenta e acentuada, considerando que não se afasta das raízes literárias. Pelo contrário, reinventa seu texto com criatividade e qualidade estética, sendo assim uma literatura autêntica e digna de reconhecimento por parte da

crítica, ademais de proporcionar ao leitor a oportunidade de apreensão do mundo que o rodeia. Desse modo, Valente (2014) referenda as proposições do crítico Antonio Candido (2006), que inovou o modo de análise dos fenômenos culturais unindo literatura e sociedade, focando em aspectos sociais que estão envoltos na vida artística e literária.

Candido (2006) enfatiza que a arte possui caráter social, produzindo, assim, um efeito prático, modificando a conduta e concepção do mundo dos receptores desta, ou reforçando neles os valores sociais de sua época. Também afirma que a literatura tem função humanizadora, que, a partir disso, concebe uma possibilidade de equilíbrio entre o homem e a sociedade. Candido (2004) entende que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto construído. E é grande o poder humanizador desta construção”. Sendo assim, a literatura possui potencial sensibilizador e influenciador para aquele que ler e que, por sua vez, passa a influenciar no interior da sociedade a partir da fruição experimentada, pois a experiência literária articula diferentes discursos que possibilitam ao indivíduo em contato com esta, refletir sobre seu modo de ver e de estar no mundo, indo além da mera ficcionalidade, recurso também presente nas produções literárias juvenis.

De tal modo, o valor literário de uma obra não se mede por sua inserção em determinada corrente ou tendência, mas na “consciência do fazer literário”, na sua materialidade e na adequação da matéria “às forças renovadoras mais atuantes em seu momento de produção”, que através da criação artística se transfigura simplesmente em arte. Desse modo, a literatura juvenil segue em seu percurso na confluência entre o cânone e o novo, com o propósito da fruição (COELHO, 1991).

Esteticamente, a narrativa juvenil atual, alavancada na década de 1970 em meio ao contexto do reconhecimento do jovem enquanto sujeito ativo na construção do conhecimento, foi influenciada pelas novas técnicas literárias e, segundo Souza (2015), distanciou-se de qualquer intenção didático-pedagógica atribuída a esta narrativa em razão da delimitação do seu destinatário. Resulta disso um produto final com qualidade suficiente que, além de seduzir o leitor, se preocupa com sua formação, desautomatizando suas impressões sobre o mundo e sobre a literatura; além de assumir um papel fundamental no seu percurso de leitor literário, o que demonstra uma preocupação com a aquisição da reflexão crítica desse leitor e, conseqüentemente, mostra sua contribuição social enquanto elemento desalienante (FERREIRA; BULHÕES, 2017).

Esse fenômeno literário denominado narrativa juvenil constitui-se de “um objeto cultural bastante recente não só no Brasil” (TURCHI, 2016, p. 86), e vem se destacando na contemporaneidade por suas características

linguísticas, narrativas e sua literariedade. Toda essa singularidade nas formas de narrar são “soluções estéticas inovadoras na busca de estabelecer um diálogo mais próximo do leitor adolescente” (TURCHI, 2016, p. 85) marcada pelo “seu caráter urbano e tecnológico” (TURCHI, 2016, p. 86), explorando novas potencialidades na forma de comunicação do texto literário. Nessa perspectiva, é pertinente afirmar que os recursos como a metaficção, a quebra da linearidade e a fragmentação, muito presentes nas narrativas juvenis, além de romper com as fronteiras entre os gêneros, trazem a fusão entre diferentes linguagens denotando seu caráter contemporâneo e inovador.

Cruvinel (2009), no que diz respeito à especificidade das narrativas juvenis brasileiras, lança a hipótese de que há uma preocupação com o processo de educação humana, levando o jovem protagonista a um amadurecimento, visto que enfrenta os conflitos inerentes à fase de transição da juventude para a fase adulta referentes à existência humana, apresentando um acréscimo de experiência, negando, por conseguinte, o caráter meramente pedagógico atribuído a essas narrativas. A estudiosa ressalta, ainda, que nessa literatura, os prêmios literários buscam reconhecer sua legitimidade e divulgar as obras que se destacam por sua qualidade estética, sendo necessário “analisar de forma mais sistematizada o que marca essa produção, e se há um redimensionamento do literário” (CRUVINEL, 2009, p. 11), já que a questão da qualidade estética é complexa, pois muitas vezes o que é legitimado como de qualidade, não é bem recepcionado pelo público destinado. Com esse argumento, abre espaço para um reavaliar da questão da literariedade e a noção de cânone baseados na relação entre obra e público, considerando que o sucesso de uma obra depende também de sua recepção.

Tudo isso demonstra a existência de uma identidade própria, que demarca uma realidade literária desse subsistema, mas que ao mesmo tempo não compromete o rendimento estético, pelo contrário, se reinventa com particularidades bastante atuais no fazer literário, legitimando desta forma seu espaço enquanto literatura consolidada e independente do sistema geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenhar da história da literatura para crianças e jovens no Brasil aponta para a constituição da literatura juvenil como subsistema literário a partir de 1980, tendo em vista a consolidação dessa modalidade no mercado editorial, que oscila entre o estético e o pragmático. A despeito dessa gangorra, a produção da literatura juvenil já demonstrou ter alcançado um patamar de qualidade tanto estética quanto gráfica, que contribui para a formação de sujeitos leitores com sensibilidade artística e social.

Para tanto, observa-se um esforço na composição dessa ficção direcionada para os jovens que investem no diálogo entre a tradição e a inovação literária com vistas à ampliação dos horizontes de expectativas desse receptor em desenvolvimento. Tal estratégia põe em cena, por exemplo, a intertextualidade e a metaficção, como também busca estabelecer uma identificação entre obra e leitor levando em consideração o perfil do destinatário, propondo uma compreensão das representações sociais a partir do lugar que esse leitor ocupa na contemporaneidade. Logo, entram em jogo as concepções do adjetivo “juvenil” para delinear as especificidades dessa produção literária contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera T. de A.; MARTHA, Alice Á. P. (Orgs.). *Literatura Infantil e Juvenil: leituras plurais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

AGUIAR, Vera T. de. Literatura infantil e juvenil: os passos de um projeto de pesquisa. In: MARTHA, Alice Á. P.; AGUIAR, Vera T. de (orgs.). *Entre livros e Leitores: escritos vários*. São Paulo: Cultura Acadêmica, ANEP, 2016, p. 11-22.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

_____. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

CECCANTINI, João Luís. *Uma Estética da Formação: Vinte anos de Literatura Juvenil brasileira premiada (1978- 1997)*. 2000. 213f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis, 2000.

COELHO, Nelly N. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

CRUVINEL, Larissa W. F. Formação e iniciação na literatura juvenil contemporânea. In: CAMARGO, Goiandira. TURCHI, Maria Zaíra (orgs). *Trilhas na formação do jovem leitor: imaginários sociais e cidadania*. Goiânia: Cãnone, 2015, p. 131-142.

_____. *Narrativas Juvenis Brasileiras: em busca da especificidade do gênero*. 2009. 188f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2009.

FERREIRA, Eliane Ap. G. R. *Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida*. Assis, 2009. 456f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

FERREIRA, Eliane Ap. G. R.; BULHÕES, Ricardo M. *Alice de A a Z: flashes de um realismo brutal no romance juvenil de Adriano Messias*. In: SILVA, M.; NAVAS, D.; FERREIRA, E. Ap. G. R. *Produção Literária Juvenil e Infantil Contemporânea: reflexões acerca da pós-modernidade*. São Paulo: BT Acadêmica, 2017, p. 65-83.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1984.

MARTHA, Alice Á. P. A narrativa juvenil contemporânea revisita a história: ordem, sem, lugar, sem rir, sem falar, de Leusa Araújo. In: AGUIAR, Vera Teixeira de. MARTHA, Alice Á. P. *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 11-24.

NAVAS, D.; SILVA, M. (Orgs.). *A literatura infantil e juvenil na contemporaneidade: histórias, caminhos, representações*. São Paulo: BT Acadêmica, 2016.

PEREIRA, Maria Teresa G. Mururu no Amazonas: diálogos poéticos e culturais com o leitor jovem. In: MARTHA, Alice Á. P.; AGUIAR, Vera T. de (Orgs). *Literatura infantil e juvenil: Leituras Plurais*. Cultura Acadêmica,

2014, p. 127-139.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. *Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico*. Lisboa: Tropelias & Companhia, 2016.

SANTOS, Mônica de M. *Por um lugar para a literatura infantil/Juvenil nos estudos literários*. 2011. 268f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós - Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2011.

SOUZA, Malu Z. de. *Literatura juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores*. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Raquel C. de Souza. *A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor*. 2015. 459f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro. 2015.

TURCHI, Maria Z. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. *FronteirAz* – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica da PUC – SP, n. 17, p. 81-92. Dezembro de 2016.

VALENTE, Thiago A. Literatura juvenil em ritmo de aventura: O ouro de Manoa (1937), de Jerônimo Monteiro. In: CECCANTINI, João Luís, VALENTE, Thiago A. (orgs). *Narrativas Juvenis: literatura sem fronteiras*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2014.

Data de recebimento: 15 jun. 2019

Data de aprovação: 10 set. 2019